

Governo quer saber o custo real do metrô

José Fonseca Filho

O novo governo ainda não sabe quanto o metrô absorveu em recursos até agora, nem quanto será necessário para concluí-lo, embora isso venha a ser feito, assegura o secretário de Obras, Hermes de Paula.

O primeiro trecho, de Samambaia ao ParkShopping, será concluído em 18 a 24 meses, mas o segundo, no Plano Piloto, até a Rodoviária, terá suas obras terminadas só em final de 1977, observa o secretário nesta entrevista ao **Correio Braziliense**.

Hermes de Paula critica certas formas de parceria em obras públicas com a iniciativa privada, mas admite que ela possa se realizar sob critérios transparentes. Acha "abominável" a troca de obras por terrenos.

Uma das prioridades do governo é a implantação da infra-estrutura de água, energia, esgoto e saneamento em todos os assentamentos, onde vivem 500 mil pessoas.

Essas obras começarão por Samambaia, Recanto das Emas, Santa Maria, Riacho Fundo, São Sebastião e Vale do Amanhecer. "O governo Cristovam quer eliminar a diferença da qualidade de vida entre o Plano Piloto e as cidades-satélites", diz o secretário Hermes de Paula.



Hermes de Paula quer melhorar a qualidade de vida nas satélites e nos assentamentos e afirma que a prioridade do governo é o social

Correio Braziliense — Em que situação encontrou a Secretaria de Obras?

Hermes de Paula — Com sua estrutura voltada para uma única obra do governo anterior, o metrô. Isso é muito pouco quando temos na periferia os assentamentos com todas as mazelas de cidades onde o governo nada investiu em infra-estrutura.

Correio — Quais suas prioridades definidas?

Hermes — Nossa prioridade é o social. Vamos transformar os assentamentos em cidades habitáveis.

Correio — Quais serão as primeiras?

Hermes — O modelo de desenvolvimento até então colocado exigia muitos recursos, e isso o governo não tem. Temos que ter criatividade e vamos fazer engenharia de fato, com tecnologias apropriadas voltadas para nossas condições econômicas. É preciso tirar a diferença da qualidade de vida entre o Plano Piloto e as cidades-satélites, em particular Samambaia, Santa Maria, Recanto das Emas e Riacho Fundo.

Correio — Quais serão as primeiras obras nos assentamentos?

Hermes — Estamos buscando financiamentos através da Caesb para abastecer água e esgoto em Recanto das Emas, Santa Maria, Riacho Fundo, na agrovila São Sebastião e no Vale do Amanhecer.

Correio — Serão obras imediatas?

Hermes — Não, primeiro precisamos viabilizar a Caesb, que foi muito sucateada no governo passado, e hoje tem capacidade de endividamento mas não de pagamento. Ela será enxugada nos cargos comissionados, terá recuperação tarifária para angariar recursos da Caixa Econômica para começarmos essas obras. Creio que em até dois anos e meio teremos essas obras prontas.

Correio — Os assentamentos não possuem nenhuma infra-estrutura?

Hermes — Nenhuma, a herança que o governo anterior nos deixou é muito grande em deficiências na área social. Em Samambaia não há sequer drenagem e com as chuvas as áreas ficam inundadas. Nos locais mais críticos já estamos trabalhando, mas não podemos operar de acordo com dificuldades momentâ-

neas, e sim resolver definitivamente os problemas. O GDF vai buscar empréstimos externos para essas obras. Há nos assentamentos cerca de 500 mil pessoas sem atendimento.

Correio — E o metrô, como está? Quanto deve?

Hermes — É uma pergunta complexa. Há 30 dias estamos fazendo um levantamento mas ainda não está claro quanto se gastou, se deve e quanto falta para terminar o metrô. A cada dia aparece outra surpresa desagradável, mas vamos terminar esse trabalho em 15 dias. Qualquer número que eu disser será precipitado. Mas serão números altos, que daria para fazermos toda a estrutura de drenagem e pavimentação dos assentamentos. É um crime o metrô ter sido transformado em obra polí-

meiro se fez a ponte e depois procurou-se um rio para passar por baixo. Fizeram um metrô e com ele tentam viabilizar a cidade. São interdependentes.

Mas o grande problema de Águas Claras é que os lotes foram vendidos para cooperativas, muitas delas já os quitaram e não há recurso sequer para colocar água e pavimentar as ruas permitindo o início das construções. Os recursos angariados em Águas Claras foram desviados para outras obras, inclusive o metrô. Os recursos que a Terracap aplicaria na infra-estrutura foram desviados para outros setores.

Correio — Então não convém esperar muito pelo metrô?

Hermes — O metrô pretendemos concluir o trecho que vai da Praça do Relógio, de Samambaia até próximo ao ParkShopping dentro de 18 a 24 meses, permitindo que ele seja usado pela comunidade. A segunda parte, no Plano Piloto, até a rodoviária, temos como horizonte até o final de 1997 para a conclusão.

Correio — Outra obra crítica do governo passado é a Placa das Mercês, um loteamento para oficinas próximo ao Núcleo Bandeirante.

Hermes — Esse é um grave problema daquela área porque houve o assentamento das oficinas sem o sistema de drenagem da área. Existe só o canal principal, que provoca inundações a cada chuva.

Correio — Como é o projeto Praça do Cidadão?

Hermes — Durante a campanha observamos que os habitantes dos assentamentos não tinham condições de cumprir suas mínimas tarefas diárias, como pagar uma conta de luz, ir a um banco ou tirar um documento. A Praça do Cidadão será uma área de cultura, lazer, trabalho comunitário e equipamentos como posto policial bancário, Correios, do Ministério do Trabalho e outros.

Correio — Quais outros projetos o sr. vai desenvolver?

Hermes — Nosso principal projeto é contar com a participação comunitária, mudando o sistema de fazer as coisas. A participação da comunidade não será cooptativa como antes, onde a população decide e gerencia o que vai ser feito. Para isso pretendemos mudança radical da técnica e do técnico. Não pode-

mos mais contar com projetos que implicam em grandes inversões de recursos. Precisamos ser criativos para atuar de acordo com nossa possibilidade financeira.

Correio — O Sr. admite parceria com o setor privado para a realização de obras públicas?

Hermes — Essa palavra parceria está começando a se desgastar. A parceria oferecida pelas empresas privadas ao setor público não difere muito da situação passada, quando as empreiteiras cresceram em função do setor público. A fórmula que apresentam hoje para a parceria não está clara. Falam em parceria mas não explicam o mecanismo e critérios. Nós queremos uma parceria sim, mas onde a iniciativa privada apresente inovações e formas mais baratas de construir. Que elas troquem a questão do faturamento pela técnica.

A iniciativa privada condiciona o desenvolvimento tecnológico à elevação do lucro e não da redução do produto final para o consumidor. Essa prática continua existindo, e quando se fala em parceria, eu gostaria de deixar claro que também a redução de custos nas obras deve ser repassada para o consumidor.

Correio — Uma das sugestões seria a troca de obras por terrenos.

Hermes — Essa é uma política abominável. Isso levou a Terracap a perder quase todos seus melhores terrenos para a iniciativa privada por preços subfaturados. A troca por terrenos implica na não concorrência que resulta na queda do valor. Ainda há pendências de trocas do governo passado que estabelecem o pagamento em terrenos. Estamos tentando suspender isso.

Correio — Outra obra que se fala muito é a terceira ponte sobre o lago. Qual sua opinião?

Hermes — A terceira ponte terá de ser pensada junto com a comunidade. É uma obra caríssima, não existem recursos e teríamos que estudar como viabilizá-la. Ou cobrando alguma taxa, imposto ou tributo dos moradores beneficiados na área e reverter a arrecadação para a construção, ou buscarmos a parceria com a iniciativa privada que participaria da construção e depois cobraria pedágio. Se isso for prioridade da comunidade será nossa também. Mas em nível de governo a prioridade depende da disponibilidade de recursos.

Correio — Quais as obras de que a cidade está mais carente?

Hermes — Na área de estrutura de saneamento, de drenagem, esgotamento sanitário, pavimentação, águas pluviais, essas são necessidades prementes da periferia. Sem isso os assentamentos ficarão cada dia pior. No Plano Piloto precisamos melhorar a pavimentação e ampliar o serviço de esgotos e drenagem em algumas áreas, basicamente.

“A primeira etapa ficará pronta em 18 ou 24 meses e ligará a Samambaia ao Parkshopping. Pode haver alterações no projeto”

“O problema de Águas Claras é que os lotes foram vendidos para as cooperativas e não há verbas para infra-estrutura”

tica, sendo a Terracap obrigada a vender terrenos para pagar suas dívidas.

Isso gerou outros problemas sérios. Recursos da infra-estrutura de Águas Claras e do Sudoeste foram desviados para o metrô.

Correio — O que o governo vai fazer com o metrô?

Hermes — Continuar vai ser obrigação nossa. A obra está 60% concluída e exige responsabilidade. Mas não será nossa única obra e terá um ritmo bem inferior.

Correio — Haverá mudanças no projeto?

Hermes — Isso é uma análise que estamos fazendo. Vamos ver se poderão ser suprimidas algumas estações que no horário de pico não

apresentam grande demanda. Isso está sendo estudado.

Correio — Se o metrô continuar parado muito tempo prejudica Águas Claras? Muitos acham que a cidade foi criada em função do metrô.

Hermes — Eu diria que Águas Claras foi antecipada justamente por causa da linha do metrô. Pri-